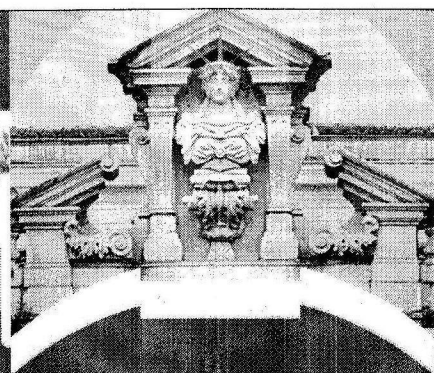




LIBERTAS
QUE SERA
TAMEN

Bruxas e fantasmas à solta

José Ribeiro/EM/D.A. Press - 23/4/85



Sepultamento do presidente não empossado em São João del-Rei. Honras militares e comoção popular

Enfermidade que se manifestou horas antes da posse gerou dezenas de boatos e trouxe à tona o medo de que a transição democrática se perdesse

» INÁCIO MUZZI

O hiato de 25 anos encobre o clima psicológico que envolveu os 38 dias de lenta agonia do presidente eleito Tancredo Neves, transcorrida entre a internação na noite de 14 de março e a morte em 21 de abril de 1985, em São Paulo. Um presidente, líder de uma transição democrática, baixa ao hospital 10 horas antes da posse. Sobrevive a uma cirurgia aparentemente simples e depara-se mais seis vezes com o bisturi, até sucumbir por síndrome da resposta inflamatória sistêmica, o “pulmão de choque”, designação que não existia na época.

Os arquivos históricos apresentam todos os detalhes da derrocada

médica e a lenta legitimação do governo democrático do vice-presidente Sarney, até meses antes presidente do partido de sustentação do regime militar, o PDS. No entanto, nenhuma reportagem guardada consegue dar vida àquele mundo assombrado pelas bruxas. Um mundo de medos e sustos, formado com esteios de golpes, conspirações, tramas e superstições dos 50 anos anteriores de história brasileira.

O presidente Tancredo sabia desde junho de 1984 que tinha um “problema” no abdômen.

Mas os riscos de comprometer o seu empenho na transição democrática o afastaram de qualquer diagnóstico consistente. Três dias antes da posse, as dores do lado direito do abdômen recomendavam ação imediata. Mas havia o medo de os militares se recusarem a dar posse a um vice que atraíra o regime, mudando de lado.

Tancredo resistiu. Tentaria enganar a dor e pediu ao médico Renault Mattos Ribeiro que mascarasse a razão de suas visitas, declarando à imprensa estar o

paciente vitimado por uma faringite. Esse seria o primeiro de uns tantos embustes, justificados ou não, passados aos repórteres durante o período.

Nos dias subsequentes, a prática se repetiria e, finalmente descoberta, comprometeria a credibilidade de médicos e políticos, além de ensejar inúmeras histórias fantasiosas. Entre elas, um boato de que a repórter da TV Globo Glória Maria fora inoculada por uma bactéria destinada ao presidente e o mesmo ocorrera com um garçom, que morreria.

Só quero deixar uma coisa bem clara. Quando eu morrer, quero uma lápide que afirme: aqui jaz, muito a contragosto, Tancredo Neves”

estava lá. Um dos presentes me disse: “senta aí que ele já volta. Foi só levar o Tancredo para tomar soro no Hospital de Base”.

Vácuo

Foi como se uma bruxa surgisse na minha frente. Corri para o Hospital de Base. Vi entrando pela portaria o futuro ministro da Fazenda Francisco Dornelles. Não havia esquema de segurança. Mais tarde, quando fui expulso do centro cirúrgico, pude presenciar o desencontro entre oficiais das PMs de Minas e do DF tentando se entender sobre quem guardava o quê.

Depois da morte do presidente, sua irmã, a freira Ester, me contaria que naquela noite assistiriam à primeira das muitas cirurgias do presidente 41 pessoas, “alguns trepados em banquinhos, para enxergar melhor”. Do lado de fora, a imprensa e personalidades fugidos da festa do Itamaraty: homens de smoking e mulheres de vestido longo. Nos orelhões em frente ao prédio, filas de repórteres: quem seria o presidente empossado? José Sarney, vice de um titular atamado, ou Ulysses Guimarães, presidente da Câmara? A questão seria esclarecida horas depois, com o auxílio do ministro da Casa Civil, o jurista Leitão de Abreu. Sarney seria o presidente de direito.

Na véspera da posse, a crença geral era de que as bruxas estavam enterradas. Eu mesmo insistia com o diretor de redação da revista IstoÉ, Mário de Almeida, que podia mandar imprimir a matéria que escrevera como se a posse houvesse transcorrido. Tinha o discurso e todo o esquema cronometrado da solenidade. Ele resistiu: e se o Tancredo tropeça? Vencido por aquele editor “paranoico”, fui me encontrar num bar com amigos de São João del-Rei, entre eles um médico sobrinho do presidente. Mas o médico não